

---

## “Nunca disse que era uma gripezinha”: mudanças de narrativas do Presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19<sup>1</sup>

Caio MELLO<sup>2</sup>

Cláudio COELHO<sup>3</sup>

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

### RESUMO

Este artigo analisa a retórica do governo de Jair Bolsonaro, por meio de suas mudanças de narrativas com relação à pandemia de Covid 19 no Brasil. Partindo da obra Sociedade do Espetáculo do pensador Guy Debord, discute se o conceito de “Poder Espetacular Integrado” pode ajudar a explicar este fenômeno, o qual tem por objetivo alterar a percepção popular para ganhar o poder de definir as lembranças, portanto, o passado, e também o futuro, especialmente visando ganhos políticos, sem que para isso seja necessário admitir eventuais erros. A metodologia de análise de conteúdo será empregada, ao comparar diferentes pronunciamentos oficiais do Presidente, suas mudanças e quais aspectos das correntes teóricas escolhidas podem explicar a estratégia por trás das mudanças.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação política; governo Bolsonaro; sociedade do espetáculo; covid-19.

### INTRODUÇÃO

No dia 11 de março, a Organização Mundial da Saúde declarou que o mundo vivia uma pandemia de Covid-19, pois a doença, antes epidêmica e localizada, havia se tornado uma ameaça para todos os países. Naquele momento, algumas ações começaram a ser tomadas por líderes de todo o mundo, mas até então a declaração da organização dizia respeito mais a uma abrangência geográfica da doença e havia muitas incertezas quanto ao potencial de disseminação e letalidade do vírus.

Dois dias antes da declaração, no Brasil, o Presidente Jair Bolsonaro já minimizava o coronavírus, dizendo que estaria sendo superdimensionado o poder destruidor do vírus. Dias depois, em um pronunciamento oficial, ele critica as primeiras

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, [ccmmello@radiogazetaonline.com.br](mailto:ccmmello@radiogazetaonline.com.br)

<sup>3</sup> Orientador, professor do Mestrado da Faculdade Cásper Líbero [ccoelho@casperlibero.edu.br](mailto:ccoelho@casperlibero.edu.br)

---

medidas de isolamento e distanciamento social, especialmente o fechamento de escolas e comércios. O Presidente dá então, talvez sua mais marcante declaração sobre a pandemia, afirmando que “...pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria acometido, quando muito, de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão”<sup>4</sup>, fazendo referência ao médico Dráuzio Varella, que antes havia de fato minimizado a doença, mas reconheceu o erro depois. Jair Bolsonaro fez exatamente o contrário.

Ao longo do primeiro ano de pandemia, o mandatário brasileiro se contradisse e mudou a narrativa quanto às ações e o enfrentamento ao vírus diversas vezes, especialmente em suas declarações sobre as vacinas.

É possível entender essas contradições a partir do conceito de Guy Debord de “Sociedade do Espetáculo”(1991), que é uma crítica do pensador a um momento da sociedade capitalista em que a mediação das relações sociais será feita a partir da produção e do consumo de imagens. Dentro desta teoria, Debord conseguiu tecer críticas tanto ao autoritarismo político como ao capitalismo. Ele o faz teorizando sobre o poder na Sociedade do Espetáculo.

Para Debord, há três formas de poder dentro desta Sociedade teorizada: o poder espetacular concentrado, perceptível em líderes autoritários, que justamente concentram apenas em si o poder.

Há o poder espetacular difuso, esse usado para conceituar um sistema capitalista e democrático. O poder se dispersa entre as várias empresas existentes, possuidoras individualmente de apenas uma parte do poder e competidoras entre si, no sentido de direcionar o comportamento dos indivíduos para o consumo das mercadorias produzidas por elas. Cabe ao consumidor, a escolha de destinação de seu consumo, feita não por exercício de liberdade, mas sim, pela inclinação às imagens dessas empresas.

Na contemporaneidade, há uma aproximação entre esses dois tipos de poder. Debord classificou como “Poder Espetacular Integrado” quando isso acontece. A democracia é uma forma de poder espetacular difusa, porque é possível entender as

---

<sup>4</sup> BRASIL. Presidente (2019 – 2022: Jair Bolsonaro). Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão. 24 mar. 2020 Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro> Acesso em: 05/08/2021.

---

eleições como um espetáculo, em que os eleitores são os consumidores, capazes de escolher um produto, no caso os políticos, por mediações imagéticas. Mas, assim como em casos do chamado “autoritarismo líquido”, se um governante, dentro do Estado Democrático, flerta com o autoritarismo, então há uma mescla com o poder concentrado.

Este tipo de autoritarismo é estudado pelo Professor Doutor em Direito do Estado, Pedro Serrano. Consiste em uma forma moderna de autoritarismo, na qual o governo tem aparência democrática e foi eleito democraticamente, porém, se utiliza de ações de exceção autoritárias e minam aos poucos o Estado Democrático Direito.

São traços de autoritarismo fragmentados e cirúrgicos, que têm destinatários específicos e podem ser capitaneados por diferentes agentes. Trata-se de uma forma aperfeiçoada de autoritarismo, que atinge grupos ou pessoas segundo os interesses de quem o pratica, além de ser mais flexível no plano político, convivendo com institutos e medidas democráticas, mantendo, portanto, uma aparência de respeito às instituições e ao Estado de direito. (SERRANO, 2020, p.108)

É possível unir os conceitos de Debord e Serrano, na medida em que o importante no autoritarismo líquido é a aparência democrática legitimadora da ação autoritária. Não haverá na lei ou nas instituições, de forma clara, uma perseguição a quaisquer grupos, tampouco a opositores de quem detém o poder. Mas, a partir de medidas de exceção ou de rupturas com o devido processo legal, essa perseguição acontece. O perseguido não é visto como errado ou adversário, mas sim como um inimigo a ser combatido.

No caso do Presidente Jair Bolsonaro, os exemplos de ações autoritárias não faltam. Um notável foi o uso da Lei de Segurança Nacional(LSN), que remonta à época da Ditadura Militar Brasileira(1964-1985), contra críticos à sua condução da pandemia. O uso da lei em seu governo até o começo de 2021 tinha aumentado 285%. No dia 18 de março de 2021, cinco manifestantes que carregavam uma faixa que chamava o mandatário brasileiro de “Genocida” foram detidos pela Polícia Militar, com base na LSN.

Outro exemplo diretamente ligado com o combate à pandemia é trazido por um relatório de janeiro de 2021, da ONG Humans Rights Watch, em que é pontuado que o Presidente Jair Bolsonaro sabotou iniciativas que visavam conter o vírus.

---

O relatório apontou ainda que o Supremo Tribunal Federal impediu que Bolsonaro retirasse dos estados a autonomia de implementação de medidas restritivas.

Voltando para a conceituação de Debord sobre Sociedade do Espetáculo, o escritor esclarece que o Governo do Espetáculo, ou seja, um governo desta etapa espetacular do capitalismo, detém meios para falsificar a produção e a percepção da lembrança por meio do “Presente Perpétuo”, em que o passado é constantemente alterado para favorecer a narrativa de quem está no poder. Jair Bolsonaro, apenas durante a pandemia, mentiu deliberadamente sobre suas próprias declarações. Em março de 2021, a um grupo de apoiadores ele afirmou que “...eu não errei nenhuma desde março do ano passado. Acertei demais no ano passado e não precisa ser inteligente para entender isso. Tem que ter o mínimo de caráter.”<sup>5</sup> Esquecendo de todas as contradições discursivas, ele invoca para si um acerto pleno que não condiz com a verdade, mas pode ser eficaz para manter sua popularidade ou até mesmo garantir a sua reeleição.

Também será feita uma comparação entre o conceito já citado do presente perpétuo de Debord, as declarações de Bolsonaro bem como uma analogia com a obra distópica “1984”, de George Orwell, especialmente com o “Ministério da Verdade” na obra de Orwell.

## **POLÍTICA CONTEMPORÂNEA**

Para se analisar o contexto pandêmico e suas nuances retóricas e políticas, é necessário compreender a contemporaneidade política, inclusive o contexto anterior à crise sanitária global que começou em 2020. A onda que favoreceu a retórica da extrema-direita, levou a tomada do poder de muitas figuras polêmicas que se utilizam do discurso como ferramenta não só de mobilização, mas de manipulação de narrativas. Exemplos desse tipo de governante não faltam pelo mundo, como no caso de Benjamin Netanyahu, em Israel; Donald Trump, nos Estados Unidos; Recep Tayyip Erdoğan, na Turquia; e Jair Bolsonaro, no Brasil.

A retórica política deles é bastante similar: nacionalismo exacerbado, algum inimigo que deva ser combatido a todo custo, ataques à oposição, ataques ao próprio funcionamento da democracia (que os elegeram) e um discurso anti-sistema de modo geral.

---

5

[https://cultura.uol.com.br/noticias/17147\\_nao-errei-nenhuma-desde-marco-do-ano-passado-afirma-bolsonaro-sobre-conducao-da-pandemia-no-brasil.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/17147_nao-errei-nenhuma-desde-marco-do-ano-passado-afirma-bolsonaro-sobre-conducao-da-pandemia-no-brasil.html) Acesso em 30/07/2021

---

Tudo isso operado a partir de narrativas muitas vezes falaciosas ou falsas. Uma sociedade espetacular cria condições favoráveis para a mentira intencional. Os governos tendem, portanto, a uma perda de eficiência, pois passam a operar na lógica do espetáculo, em que a imagem conta mais do que as realizações objetivas em si.

Ao usar do jogo democrático para atacá-lo e eventualmente até agir contra ele, esses chefes de Estado atuam no que o Professor Pedro Serrano chamou de “Autoritarismo Líquido”, como já mencionado no artigo.

Com a pandemia, é notável que especialmente Donald Trump e Jair Bolsonaro agiram de forma parecida, com o primeiro sendo um espelho para as ações do segundo. O que modificou por completo o contexto político global foi a derrota do empresário americano para Joe Biden nas eleições em 2020, Bolsonaro por várias vezes declarou torcida pelo então presidente estadunidense e chegou a ser hostil com Biden até que não houvesse alternativa a não ser aceitar a sua vitória.

Desde o início da pandemia, o Presidente Brasileiro minimizou a gravidade do vírus e diversos de seus subordinados também. Destaque para Osmar Terra, deputado federal pelo MDB do Rio Grande do Sul, que tinha grande influência e chegou a ser cotado como um dos possíveis ministros da Saúde, quando Luiz Henrique Mandetta e depois Nelson Teich deixaram seus cargos. Terra ganhou relevância por ser formado em medicina e mesmo assim ter declarações bastante negacionistas, como quando disse em suas redes sociais que a pandemia acabaria em junho de 2020, com menos mortes que a pandemia de H1N1, ou com declarações consideradas antiéticas pela medicina, como em quando em várias ocasiões defendeu o tratamento precoce com medicamentos ineficazes contra o coronavírus e quando defendeu a tese da “imunidade de rebanho”, usada no meio científico para determinar um momento em que uma doença teve seu poder de contágio diminuído devido à imunidade de grande parte da população. Osmar Terra, no entanto, defendeu a continuidade das atividades econômicas para que essa proteção fosse atingida por meio da infecção generalizada do vírus entre as pessoas. A própria Organização Mundial da Saúde chegou a repreender essa tese, após ela ser amplamente difundida no Brasil.

No entanto, apesar de manter esses posicionamentos e agir de acordo com eles, como no notável exemplo da demora em responder à farmacêutica Pfizer ou o Instituto Butantã no que se diz respeito à aquisição de vacinas, Bolsonaro reclama várias vezes

---

para si e para membros de seu governo o sucesso, ainda que tardio e de modo lento, da vacinação. Distorce dados, abandonando a lógica de seu próprio discurso.

Exemplo claro disso foram as críticas dele aos que ressaltam que o Brasil foi o segundo país com mais mortes na pandemia, alegando que deveria se observar a proporcionalidade. No entanto, não cansam de afirmar que o país é o quarto que mais vacinou no mundo, sem levar em conta a famigerada proporção, em que nela o país figurou bem distante das primeiras posições em quase todos os momentos.

O contexto político atual, portanto, se assemelha muito com a proposição de uma “Sociedade do Espetáculo”, de Debord. Isso porque o embate político se dá principalmente na retórica, importando menos os fatos objetivos. Por esta razão a comunicação se torna tão importante para entender as estratégias e escolhas daqueles que estão no poder e querem mantê-lo ou daqueles que não estão e querem conquistá-lo. Vale diferenciar dois aspectos importantes e complementares na comunicação: o discurso e a narrativa.

Discurso se refere a uma exposição de ideias por meio da linguagem, podendo ser verbal ou não. Narrativa parte mais para o sentido do que se diz no discurso. Segundo o Doutor em Ciências Sociais, Luis Mauro Sá Martino,

A narração, mais do que o impulso de “contar histórias”, é uma das modalidades do ser social e político. No mesmo sentido, Motta (2012) assinala como uma das razões para se estudar as narrativas exatamente seu potencial na formação do sentido de comunidade, como elemento vinculador. E, retomando Gerbner (1999), o ato de contar histórias está sempre ligado a uma perspectiva relacional: contamos histórias uns para os outros no sentido de estabelecer narrativas comuns que nos permitam estabelecer não apenas quem somos, mas também quem não somos (MARTINO,2016, p.3)

O contexto mundial está bastante relacionado com a ideia de narrativas comuns, afinal, isso é a base da própria comunicação. No século XX, primeiro com os regimes fascistas e nazistas e posteriormente com a Guerra Fria, fica claro o quanto unir todo um povo em torno de uma ideia comum pode ser poderoso e eficiente.

Apesar da virada do século e das novas configurações políticas, econômicas e sociais, a retórica ainda possui muita relevância. Exemplos claros são a saída do Reino Unido da União Europeia, o Brexit, em 2016, marcado por muitas hipérboles narrativas e uma discussão menos técnica e geopolítica e mais emocional. No mesmo ano aconteceu a eleição de Donald Trump. Não por acaso, a Universidade de Oxford elegeu “Pós-Verdade” como a palavra do ano. O conceito de pós-verdade é um conceito

---

recente, pensado para situações em que as opiniões pessoais importam mais do que os fatos.

A pós-verdade evocaria, assim, um autoritarismo da interpretação, que impele os sujeitos a já predispor de determinada leitura cativa dos fatos, rejeitando o que distingue, compartilhando o que assemelha, sem maiores reflexões acerca do que ali é informado como verdade. Há, portanto, algo de bastante retórico, não meramente pela questão da (im)persuasão possível de ser observada nesse fenômeno, mas, sobretudo, pelo caráter retórico desde a percepção da realidade, pelo movimento cognitivo e argumentativo de seleção do que se divulga e do que se rejeita. ( SEIXAS, 2018, p.10)

No Brasil, o clima político já estava bastante conturbado desde a eleição de 2014, quando o Partido dos Trabalhadores(PT) conseguiu mais uma vitória na eleição presidencial, com a reeleição de Dilma Rousseff sobre Aécio Neves(PSDB). O partido derrotado chegou a contestar na justiça o resultado da eleição, mas depois reconheceu a derrota sem indícios de qualquer tipo de fraude. Porém, com o segundo mandato bastante desgastado, por forte crise econômica, social e política a Presidente Dilma perdeu muita popularidade e sofreu Impeachment em 2016. Depois de um governo provisório de Michel Temer(MDB), a eleição de 2018 foi até então o ápice de uma polarização. Evidentemente não sendo coincidência, foi a primeira vez em que as redes sociais tiveram um papel preponderante na campanha, superando inclusive o tempo de televisão para o horário eleitoral. Nas redes, os algoritmos visam manter o usuário cada vez mais ativo e por isso, a partir do reconhecimento do posicionamento político dele, irá sugerir temas e páginas que dialoguem com essas preferências. O problema é que nem sempre essas páginas passam informações confiáveis e checadas, sendo o cenário perfeito para uma comunicação política cheia de notícias falsas e extremismos. Essa descentralização da informação também favorece a espetacularização da política, pois se trata de um ambiente mediado predominantemente por imagens e as leituras superficiais e pouco aprofundadas se perpetuam no imaginário popular e na opinião pública. Com apenas 18 segundos, mas muito ativo nas redes e sem nenhuma coligação partidária, Bolsonaro subverteu as noções da ciência política ao se eleger, vencendo Fernando Haddad(PT) no segundo turno.

Por isso este artigo propõe estudar a retórica do Presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19, prestando atenção em suas mudanças de narrativas. Os discursos seguem parecidos ao longo do tempo: agressivos, vitimistas, sempre

---

repletos de distorções, quando não de informações completamente falsas e se fortalecendo na ideia de que há um exagero inflado pela mídia e pela oposição com relação à doença. No entanto, como as previsões feitas por ele eram prontamente superadas pelos acontecimentos, há uma clara adaptação dessas narrativas, como ainda será abordado no próximo item da pesquisa.

## **A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E O PODER**

Guy Debord pensava a sociedade capitalista como um grande espetáculo que transformava todas as relações e mediações sociais em produtos. Essa fetichização tinha como objetivo anestesiar a sociedade e seus agentes, fazendo com que eles se tornassem inclusive parte desse sistema de espetacularização. “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo que era diretamente vivido tornou-se uma representação.”( Debord, 1997, p.13)

A Sociedade do Espetáculo é uma fase do capitalismo na qual o acúmulo de capital se confunde com o acúmulo de imagens. No caso da política, é possível estabelecer que a Sociedade do Espetáculo, se torna uma grande propagadora da visão capitalista, tanto criando estereótipos que favoreçam esse sistema em detrimento de outros, como até nos casos das obras que não aparentam ter conteúdo político, mas que exatamente por isso possuem função social de acalmar as possíveis revoltas.

Junte-se isso à concentração e quase monopólio das grandes empresas de cultura e comunicação e terá o que Debord cunhou de “ Poder Espetacular Difuso”.

No entanto, se tratando de uma democracia liberal, capitalista, com um líder, um grupo ou um partido tentando agir de forma autoritária, se terá o “ Poder Espetacular Integrado”.

Na contemporaneidade cresce, portanto, a ascensão de figuras com desejos ditatoriais como também a participação de grandes corporações, citando um exemplo diretamente relacionado com a discussão política e eleitoral: as redes sociais.

Debord estipula cinco aspectos de uma Sociedade Espetacular Integrada: incessante renovação tecnológica; fusão econômico-estatal; segredo generalizado; mentira sem contestação e o presente perpétuo.

---

O primeiro trata da perspectiva de que as tecnologias acabam sempre avançando e esse avanço tanto acaba anestesiando a população, como servindo aos próprios governantes e às empresas privadas, que cada vez mais fundidos (como sugere o segundo aspecto), passam a agir sob os mesmos interesses. Já o segredo generalizado e a mentira sem contestação estão relacionados, na medida em que lidam com o sigilo e a privacidade da informação. Por existir essa limitação de informações, o espaço para a mentira sem contestação fica aberto. No caso, o uso mais notável é justamente para se minar qualquer oposição ao capitalismo, até mesmo de ações menos disruptivas do sistema e apenas diferentes do que podemos considerar como pilar do neoliberalismo, a exemplo de se repetir à exaustão e (quase) sem contestação de que a ação do Estado na economia é nociva e que se deve adotar a austeridade fiscal. No caso da justiça, a impossibilidade do direito ao contraditório, simbolicamente perpetuado pela Operação Lava Jato, é outra maneira de se apontar para a mentira sem contestação na Sociedade do Espetáculo.

No entanto, para este artigo, o aspecto mais fundamental e importante é o presente perpétuo. Nesse ponto, Debord estabelece que por se tratar de relações sociais mediadas imagetivamente, o ponto principal será a impressão atual sobre determinada figura. No caso do objeto de estudo, Jair Bolsonaro, com relação à sua comunicação política e suas narrativas sobre a pandemia, é notável a sua constante mudança de postura e argumentos. O discurso e sua estrutura permanece o mesmo e a Covid-19 ainda é considerada um problema menos grave do que a mídia e seus opositores dizem, mas a argumentação quanto às causas do insucesso e quanto às medidas que deveriam ser adotadas se modificou bastante, como será tratado no próximo item.

O presente perpétuo permite uma revisão de ideias sem que para isso seja necessário o processo, politicamente doloroso, de se reconhecer o erro. Bolsonaro apontava que apenas os grupos de riscos teriam problemas com o coronavírus, seriam menos de mil as vítimas fatais da doença, os medicamentos do chamado “Kit Covid” seriam eficazes contra a doença e as vacinas, especialmente a Coronavac, não seriam eficientes.

Por conta do presente perpétuo basta insistir que sempre foi favorável à vacinação e se preocupou com o vírus para se colher os louros desses processos. A

---

grande dúvida ainda reside se essa contradição será ignorada ou lembrada pelos eleitores.

O abandono da lógica e da coerência objetiva não são frutos de um descuido ou de uma falta de capacidade, mas sim de uma estratégia manipuladora de transformar toda situação em uma batalha narrativa. Em embates assim, torna-se mais fácil distorcer a verdade, pois os fatos objetivos importam menos do que as crenças pessoais e a força do discurso.

Usando como analogia, para melhor ilustrar a teoria, o clássico livro “1984” de George Orwell, especialmente o “Ministério da Verdade”. Na obra é este órgão o encarregado de falsificar documentos e evidências com o objetivo de fazer com que a atual narrativa do Partido fosse sempre a linha discursiva adotada, apesar de muitas vezes se mudar completamente o sentido do que fora dito anteriormente.

A máxima presente no livro de que “ Quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado” serve para explicar, de maneira simples, o conceito de presente perpétuo, sobretudo os seus efeitos e finalidades políticas.

## **ANÁLISE DE CONTEÚDO**

A metodologia de análise de conteúdo, facilitada especialmente a partir da obra de Laurence Bardin, é a técnica que melhor se ajusta à proposta do artigo. A intenção do método é a indução de conhecimentos relativos à produção ou às condições de recepção, tendo como referência indicadores quantitativos ou qualitativos.

Para analisar a mudança de narrativas de Jair Bolsonaro durante a pandemia, será empregado como referência dois pronunciamentos oficiais: o primeiro do dia 24 de março de 2020 e o segundo, quase exatamente um ano depois, do dia 23 de março de 2021. Além disso, algumas ações e falas em contextos informais serão trazidas para evidenciar que a construção da imagem de um presidente centrado em suas responsabilidades de zelar pela vida e pela economia não se sustenta, mas a possibilidade de se contar com o fator presente perpétuo pode ao menos amenizar o desgaste político.

Bolsonaro costuma mesclar, em suas falas, verdades e mentiras, com exageros e falácias. Sempre em tom coloquial e informal, com observações de cunho nitidamente

---

peçoal e construções argumentativas fáceis que tentam criar um elo com a população, em sua maioria composta de pessoas com indignações legítimas e bem justificadas, à espera de uma resolução rápida e urgente.

Analisemos alguns trechos de pronunciamentos oficiais do Presidente Jair Bolsonaro, para então ser possível comparar suas falas.

Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso País.<sup>6</sup>

Nesse trecho fica evidente a percepção de que a pandemia não seria um problema grave, pois a justificativa para o cenário ruim que a Itália enfrentava naquele momento, na opinião do Presidente, seria a população idosa italiana e o frio europeu. No fatídico dia 24 de março de 2020, Bolsonaro ainda afirmou que “Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine.”<sup>7</sup>, não trazendo qualquer evidência ou embasamento para, quantitativamente, basear a fala.

O que fica implícito é a tentativa de diminuir o potencial do Sars-Cov-2. Naquele ponto da pandemia nem mesmo o uso de máscaras por parte da população era unânime, a questão foi exatamente a persistência de Jair Bolsonaro em minimizar o problema, mudando suas narrativas na medida em que os acontecimentos desmentiam as suas previsões.

Para exemplificar, usando como referência um outro pronunciamento oficial, dessa vez de um ano depois, ele afirma:

Desde o começo, eu disse que tínhamos dois grandes desafios: o vírus e o desemprego. E, em nenhum momento, o governo deixou de tomar medidas

---

<sup>6</sup> BRASIL. Presidente (2019 – 2022: Jair Bolsonaro). Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão. 24 mar. 2020 Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro> Acesso em: 30/07/2021.

<sup>7</sup> BRASIL. Presidente (2019 – 2022: Jair Bolsonaro). Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão. 24 mar. 2020 Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro> Acesso em: 30/07/2021.

---

importantes tanto para combater o coronavírus como para combater o caos na economia, que poderia gerar desemprego e fome.<sup>8</sup>

No entanto, apesar da narrativa, na prática, em junho de 2020 o governo recusa um acordo de compra da Coronavac, o que voltaria a fazer outras duas vezes antes de adquirir o imunizante. No dia 21 de outubro, inclusive, Bolsonaro desautorizou o então Ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, que havia anunciado no dia anterior a compra da vacina. Usando termos como “Vachina” ou “Vacina chinesa de João Dória”, o chefe do executivo brasileiro chegou a comemorar e dizer que era uma vitória sua o fato de um voluntário dos testes dessa vacina ter falecido, ainda que o motivo não tivesse nenhuma relação com o imunizante.

Nesse pronunciamento, Bolsonaro ainda pontuou: "Sempre afirmei que adotaríamos qualquer vacina, desde que aprovada pela Anvisa. E assim foi feito."<sup>9</sup> Para além da demora na aquisição da vacina do Butantã, o Governo Federal recebeu em agosto de 2020 uma proposta de venda da vacina Pfizer, com 70 milhões de doses, hoje sabido que pela metade do preço pago nos Estados Unidos e na Europa. Foram mais de 100 e-mails da farmacêutica ignorados, como mostram documentos obtidos pela Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia.

A vacinação no país demorou a engrenar, mas chegou a acelerar no final do primeiro semestre de 2021. A mudança de narrativas somada ao presente perpétuo da Sociedade do Espetáculo favorece que Bolsonaro ganhe créditos pelas vacinas, mesmo após tantas recusas.

A tabela a seguir exemplifica como é possível relacionar as falas de Jair Bolsonaro com os aspectos do poder espetacular.

Trecho da fala de Jair	Data da declaração	Associação com os
------------------------	--------------------	-------------------

<sup>8</sup> BRASIL. Presidente (2019 – 2022: Jair Bolsonaro). Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia nacional de rádio e televisão - 23/03/2021 Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-nacional-de-radio-e-televisao-23-03-2021> Acesso em: 30/07/2021.

<sup>9</sup> BRASIL. Presidente (2019 – 2022: Jair Bolsonaro). Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia nacional de rádio e televisão - 23/03/2021 Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-nacional-de-radio-e-televisao-23-03-2021> Acesso em: 30/07/2021.

Bolsonaro		aspectos de uma Sociedade Espetacular Integrada
Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso País.	24/03/2020	Mentira sem Contestação  Jair Bolsonaro sugere que o Coronavírus só teria tido a dimensão que teve na Itália pelo fato do país ter muitos idosos e ser frio. Não havia nenhuma evidência nesse sentido naquele momento(e nem agora). O contexto espetacular, porém, favorece que entre apoiadores o Presidente possa mentir sem que seja contestado.
Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine.	24/03/2020	Mentira sem contestação  Mais uma vez, o Presidente faz uma afirmação sem dizer em qual estudo ela está baseada. Com o tempo ficou claro que, apesar dos idosos fazerem parte do grupo de risco, pessoas jovens e saudáveis também poderiam ser acometidas da forma grave da doença.
...Desculpa aí, eu não vou falar de mim. Mas eu não errei nenhuma desde março do ano passado. Acertei demais no ano passado e não precisa ser inteligente para entender isso. Tem que ter o mínimo de caráter.	01/03/2021	Presente perpétuo  Desta vez em um contexto informal, em uma conversa com apoiadores, Jair Bolsonaro afirma ter acertado todas as suas previsões sobre a pandemia. Os dois exemplos acima provam

		exatamente o contrário. Porém, pelo imediatismo pressuposto de uma Sociedade do Espetáculo, o presente ganha maior importância e não há necessidade de se assumir erros, mas sim levar a objetividade dos fatos para a retórica.
Desde o começo, eu disse que tínhamos dois grandes desafios: o vírus e o desemprego. E, em nenhum momento, o governo deixou de tomar medidas importantes tanto para combater o coronavírus como para combater o caos na economia, que poderia gerar desemprego e fome.	23/03/2021	Mentira sem contestação  Desta vez não apenas nas declarações e falas, mas nas ações, é possível aferir que em muitos momentos o Governo Federal minimizou a gravidade do vírus, usando isto de justificativa para não agir ou agir com menos ênfase do que deveria.
Sempre afirmei que adotaríamos qualquer vacina, desde que aprovada pela Anvisa. E assim foi feito.	23/03/2021	Presente Perpétuo  Como já citado no artigo, Bolsonaro propositalmente ignora as centenas de e-mails ignorados da Pfizer e de toda a narrativa contra a Coronavac, que já foi chamada de “Vacina Chinesa de João Dória” ou “Vachina”. O Presidente chegou a desfazer uma intenção de compra, um dia depois dele ter sido feito pelo então Ministro Interino da Saúde, Eduardo Pazuello.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, fica claro que tendo suas hipóteses uma a uma sendo superadas pela realidade que se impôs, o Presidente Jair Bolsonaro se aproveitou do contexto de

---

Sociedade do Espetáculo para modificar suas narrativas e agir de forma autoritária, mesmo que por roupagem democrática e afirmando defender a liberdade.

Se a tática funcionou é necessário que se espere o término de seu governo. A sua gestão com relação à pandemia chegou a 56% de rejeição em julho de 2021<sup>10</sup>, fator que pode derrubá-lo na tentativa de reeleição e poderia provocar, inclusive, um impeachment. Ainda assim, ele segue com sua base de apoio consolidada, que por sua vez repete à exaustão suas narrativas. Nas eleições de 2022, com a pandemia provavelmente controlada e com uma retomada econômica, Jair Bolsonaro seria um candidato forte à reeleição. E então será possível determinar até que ponto suas estratégias foram bem sucedidas ou não. O Presidente tenta jogar um jogo diferente de seus oponentes e, por isso, suas afirmações e a maneira com que ele se comunica não precisam obedecer aos critérios lógicos e objetivos da realidade.

### Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000

DEBORD, Guy. **Comentários Sobre A Sociedade Do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

MARTINO, Luís Mauro Sá. **De um eu ao outro: narrativa, identidade e comunicação com a alteridade**. Revista Parágrafo. Jan/jun 2016. p.3

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: IBEP, 2003.

SEIXAS, Rodrigo. **A retórica da pós-verdade: o problema das convicções**; Ilhéus, Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, 2018. p.10

SERRANO, Pedro. **Estado de exceção e autoritarismo líquido na América Latina**. Poliética. São Paulo, v. 8, n. 1, p.108 , 2020.

---

<sup>10</sup>

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/07/09/56percent-reprovam-gestao-bolsonaro-na-pandemia-e-46percent-consideram-o-presidente-o-culpado-pela-crise-sanitaria-aponta-datafolha.ghtml> Acesso em 30/07/2021

